Othon Bastos e Izabel Ribeiro: São Bernardo

LEON HIRSZMAN E "SÃO BERNARDO"

São Bernardo, terceiro longa-metragem do diretor Leon Hirszman, é uma volta — quase 10 anos depois de **Vidas Secas,** de Nelson Pereira dos Santos — à literatura de Graciliano Ramos. O cinema brasileiro retoma com **São Bernardo** a fértil generosidade criativa de Graciliano e também desta vez, respeita a estrutura romanesca do escritor e produz um filme de fidelidade exemplar. Para Leon Hirszman, **São Bernardo** foi sempre um projeto longínquo, que começou a se concretizar em 1969, foi realizado em 1971/72 e só conseguiu exibição em outubro de 1973. A trajetória criativa de **São Bernardo** é contada em depoimento de Leon Hirszman, concedido a Macksen Luiz.

"**São Bernardo** mantém uma ligação profunda com o Cinema Novo na medida em que é um filme que critica a realidade social. Mas antes de fazer qualquer ligação com movimentos ou épocas, é bom que se diga que **São Bernardo** é fruto de suas próprias dificuldades de produção. Por exemplo, alguns planos são longos demais, mas isto foi proposital. Existem para atender às condições do mercado de filme virgem. Tive que resolver a estrutura do filme antes da montagem. Só assim pude tornar o projeto viável".

"Com **São Bernardo** fui obrigado a ficar o mais próximo possível da realidade da produção de filmes brasileiros. Trabalhei o tempo todo tendo presente que a estrutura do mercado de filme no Brasil, em qualquer dos seus níveis (produção, distribuição etc.) não oferece nenhuma segurança. O importante, no entanto, é a relação que a equipe do filme conseguiu estabelecer entre si. Ouvíamos muito Paulinho da Viola, João Gilberto, Caetano Veloso (que acabaria por musicar o filme), o que determinou um marcante clima de relacionamento entre as pessoas."

"Procurei fazer uma leitura direta do romance de Graciliano Ramos. Evitei tudo que pudesse enganar o espectador, que provocasse a emoção em todos os níveis da razão. A temática do filme discute justamente a dialética da razão e tenta estabelecer com ela um equilíbrio dinâmico. Minha tarefa em **São Bernardo**

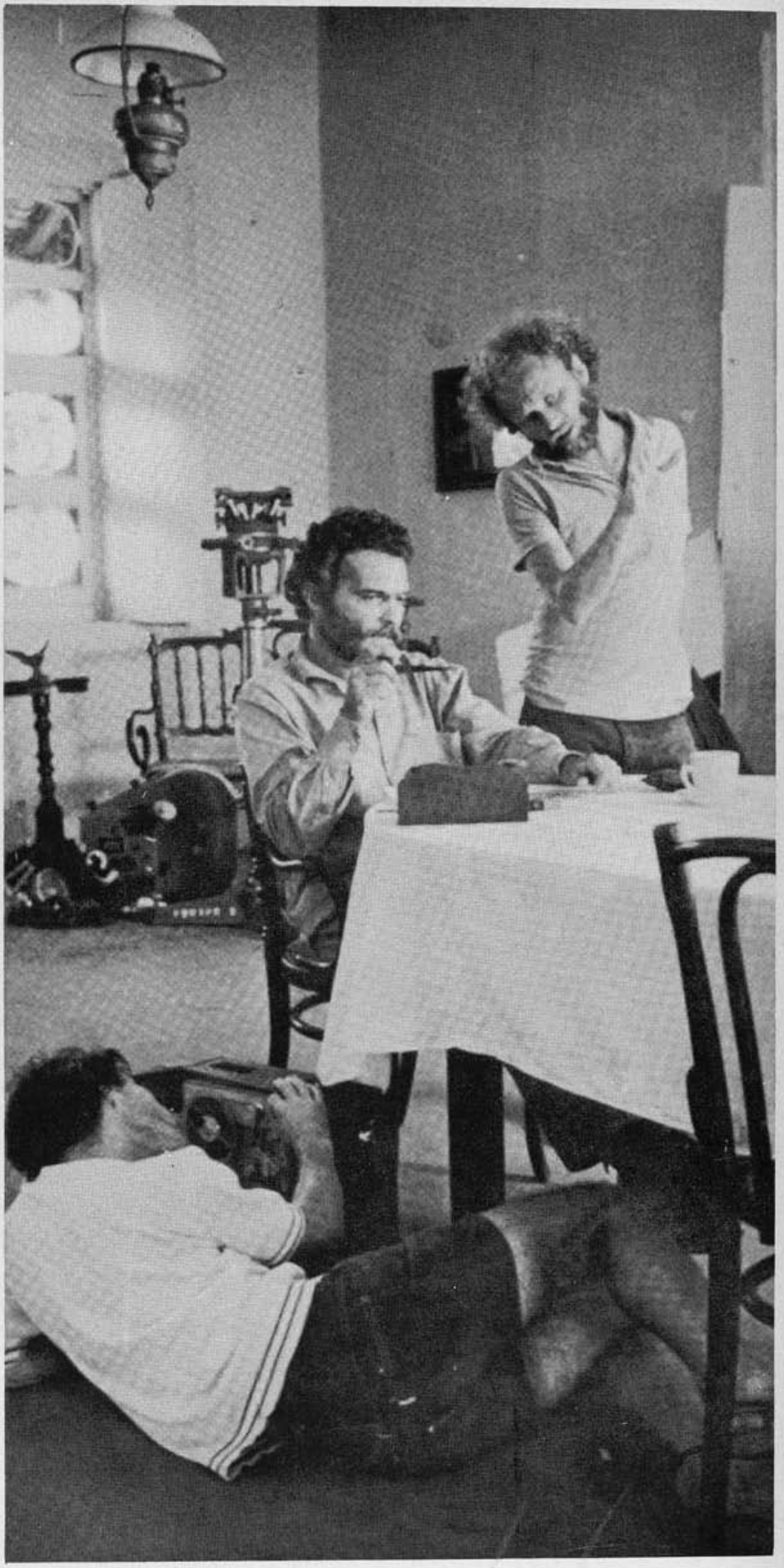
é a de exercer a auto-crítica, que se realiza na medida em que o filme está sendo exibido. A leitura cinematográfica de **São Bernardo** foi no sentido de cortar aquilo que pudesse ser supérfluo, que acrescentasse algo de desnecessário à justeza do romance."

"Na base do roteiro está o ensaio de Antônio Cândido sobre Graciliano, de seu livro "Tese e Antítese". Na verdade não se poderia falar de um roteiro, porque afinal o próprio livro é o roteiro. Da mesma forma que Graciliano foi ficcionista por Paulo Honório, eu fui ficcionista por Graciliano. Entre as várias interpretações do romance, eu e o elenco (sobretudo Othon Bastos — Paulo Honório; e Isabel Ribeiro — Madalena) nos debruçamos em várias delas. Uma que me parece especialmente interessante é a do psicanalista Hélio Pelegrino, que vê a vida adulta de Paulo Honório como uma vingança contra sua infância".

"São Bernardo fala da coisificação econômica — segundo a tipologia de Antônio Cândido — por que passa Paulo Honório. No filme, como no romance, fica bem claro este processo de coisificação do personagem, que faz com que ele caminhe para a paranóia afetiva e a autodestruição. Paulo Honório não tem condições de assumir a sua consciência. Madalena, em contraposição ao marido, não possui condições de negar-se a ele e assumir um outro projeto. O filme está voltado para o problema da dignidade humana, razão pela qual recebeu o Prêmio Margarida de Prata da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil)."

"Trabalhei na elaboração do roteiro em Viçosa, no interior de Alagoas, onde realmente se passa a história. Cada plano se resolvia no trabalho, pacientemente. O roteiro correspondeu a uma organização de plano/seqüência, por um lado, e a uma leitura cuidadosa do texto, de outro. Procurei tirar qualquer tipo de ornamento gramatical que pudesse impedir a compreensão de Graciliano. Como resultado, o filme me satisfez, mas a verdadeira comunicação de um filme não termina na tela. O filme demonstra uma relação de antítese que se realiza no público."

"A função social de **São Bernardo** é um servir virtual. Gostaria que o filme fosse visto por um público bem maior do que aquele que realmente o verá. Mas o sujeito só se comunica com aquilo que estabelece uma relação de identificação. Não procuro uma relação ilusionista. Esta fica reservada à televisão. **São Bernardo**, ao contrário, foi um esforço no sentido do concreto. Há papéis que podem ser ocupados em relação à vida social. O desespero da dificuldade já fez sair vários tipos de flor. E Graciliano era extraordinário neste sentido".



Leon Hirszman dirige Othon Bastos em São Bernardo